

EPÍFITAS VASCULARES NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: COMPOSIÇÃO, RIQUEZA E CONHECIMENTO ACUMULADO

Rosiane Garcia Diniz ¹; Thereza Christina da Rocha-Pessôa ² & André Felipe Nunes-Freitas ³.

1. Bolsista PIBIC, Discente em Engenharia Florestal, IF/UFRRJ; 2. Bolsista Pós-Doutorado PNP/CAPE; 3. Professor do DCA/IF/UFRRJ.

Palavras-chave: epífitas; biodiversidade; Floresta Atlântica

Introdução

Entre as espécies vegetais vasculares conhecidas (cerca de 262.000 espécies), 10% são epífitas (Gentry & Dodson, 1987a e b). Entre estas epífitas vasculares, aproximadamente 225 gêneros de 35 famílias são registrados para a Floresta Atlântica brasileira (Waetcher 2008; Kersten 2010). Apesar da elevada biodiversidade e de sua importância para a manutenção de um grande número de outras espécies e serviços ambientais, as epífitas da Floresta Atlântica, em especial do Rio de Janeiro, ainda são pouco conhecidas, principalmente em termos ecológicos. Além disso, nenhum levantamento foi realizado sobre o conhecimento acumulado desse grupo ecológico nas Unidades de Conservação (UC) do Estado. Estas informações permanecem dispersas e desorganizadas, dificultando o estabelecimento de ações voltadas para a conservação das espécies ameaçadas e endêmicas e da identificação de lacunas de conhecimento. Dentre as diferentes ações para a conservação dos recursos naturais, uma forma eficaz de assegurar a proteção da natureza é através da criação e manutenção de áreas protegidas. Embora, com frequência, haja uma demora entre a criação e a sua real implementação, essa ainda é a melhor maneira de assegurar a proteção da natureza e evitar a extinção de espécies (Mittermeier *et al.* 2013). Segundo o Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC, 2015), o Estado do Rio de Janeiro possui 84 UC federais, 101 estaduais e 75 municipais. Assim, boa parte dos remanescentes de vegetação do estado estão protegidos por UC de diferentes categorias, muitas das quais formando mosaicos que ampliam a chance de manutenção da diversidade biológica. Apesar de muitas áreas possuírem listas de espécies vegetais geradas a partir de dados de herbário, ainda não foi elaborada uma lista de epífitas vasculares para as UC do Estado como um todo, dificultando a compreensão de padrões de diversidade desse grupo. Assim, o presente estudo volta-se para as UC do Estado do Rio de Janeiro, buscando consolidar informações sobre a ocorrência de espécies epífitas, avaliando o estado atual do conhecimento desse grupo ecológico, e compreender que áreas poderiam ser possíveis lacunas de conhecimento.

Metodologia

Entre as 84 UC Federais do Rio de Janeiro foram consideradas nas análises apenas aquelas de proteção integral e que apresentavam registro de coletas de espécies vegetais, portanto, 13 UC. Entre as famílias botânicas foram selecionadas aquelas com representatividade igual ou superior a 1% do total de epífitas vasculares da Floresta Atlântica, totalizando 13 famílias (Orchidaceae, Bromeliaceae, Polypodiaceae, Araceae, Piperaceae, Cactaceae, Dryopteridaceae, Gesneriaceae, Hymenophyllaceae, Aspleniaceae, Begoniaceae, Melastomataceae e Lycopodiaceae) (Kersten 2010). Para cada UC foi elaborada uma lista de espécies pertencentes a estas 13 famílias através do Catálogo de Plantas Vasculares e Briófitas da Flora do Estado do Rio de Janeiro (Baumgratz *et al.* 2014). Para cada espécie foram consultados o seu status de conservação (no Catálogo de Plantas Vasculares e Briófitas da Flora do Estado do Rio de Janeiro, estes dados foram complementados no Livro Vermelho da Flora do Brasil (Martinelli & Moraes, 2013), e os dados de hábito e forma de vida, consultados na Lista de Espécies da Flora do Brasil. Apenas as espécies em que o hábito epifítico foi informado (epífita, hemiepífita, epífita facultativa) foram registradas e analisadas.

Resultados e Discussão

Nas 13 UC avaliadas foram registradas 747 espécies de epífitas vasculares, representando 55,7% do total de espécies das famílias analisadas. O PARNA Serra dos Órgãos apresentou o maior número de espécies de epífitas (S = 431 espécies), seguido pelo PARNA Itatiaia (S = 349) e o PARNA Tijuca (S = 231), juntas estas UC contribuem com 75,1% das espécies registradas. A APA da Bacia do Rio São José foi a única UC que não apresentou epífitas. A variação na riqueza de espécies de epífitas se deve principalmente à idade da UC (número de anos a partir da sua criação) e aos programas históricos de levantamento de biodiversidade realizados nas mesmas. Por exemplo, os PARNA Itatiaia e Serra dos Órgãos estão entre as primeiras UC criadas no Brasil (1937 e 1939, respectivamente) onde já foram realizados inúmeros programas de levantamento da diversidade biológica, fazendo com que boa parte da sua flora seja conhecida. Já o PARNA Tijuca, apesar de ter sido criado mais recentemente (1967), está localizado no centro urbano da cidade do Rio de Janeiro, que possui um grande número de instituições de ensino e pesquisa (IES). Assim, a facilidade de acesso a esta UC e o grande número de IES em seu entorno permitiu um elevado acúmulo de conhecimento. Em relação às espécies ameaçadas, no Livro Vermelho da Flora do Brasil 35 espécies (4,7%) encontram-se classificadas em algum grau de ameaça. Destas, quatro são classificadas como criticamente em perigo (CR), 18 em perigo (EN) e 13 são vulneráveis (VU). Já Baumgratz et al (2014) classificam 87 espécies como ameaçadas, das quais sete estão criticamente em perigo, 23 em perigo, duas estão presumivelmente extintas, uma é rara, 20 são quase ameaçadas, 24 são vulneráveis e dez possuem informação insuficiente. Assim, o número de espécies incluídas em alguma categoria de ameaça pode ser considerado baixo, mas indica que as UC do Estado do Rio de Janeiro tem um papel importante para a conservação da flora ameaçada de extinção.

Conclusão

Os resultados aqui apresentados demonstram que o estado do Rio de Janeiro possui alta riqueza de epífitas vasculares, inclusive de espécies classificadas em alguma categoria de ameaça. Como boa parte do estado está protegida por UC, a importância destas para a conservação das epífitas se torna evidente. No entanto, como mais da metade dos registros foram encontrados em apenas três UC, nossos dados também indicam que é necessário um aumento no esforço de coleta e/ou desenvolvimento de pesquisas e programas específicos de levantamento da flora nas demais UC do estado, especialmente em áreas que não foram estudadas para que o levantamento da flora do Rio de Janeiro seja mais eficaz.

Referências Bibliográficas

- BAUMGRATZ, J.F.A.; *et al.* 2014. Catálogo das Espécies de Plantas Vasculares e Briófitas do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. In <http://florariojaneiro.jbrj.gov.br/> Acesso em: 15 de jan. 2015.
- GENTRY, A. H. & DODSON, C. H. Contribution of non trees to species richness of a tropical rain forest. **Biotropica**, v. 19, p. 149-156. 1987b.
- KERSTEN, R.A. Epífitas vasculares – Histórico, participação taxonômica e aspectos relevantes, com ênfase na Mata Atlântica. **Hoenea**, vol. 37, p. 9-38. 2010.
- LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 15 de jan. 2015.
- MARTINELLI, G. & MORAES, M.A. **Livro Vermelho da Flora do Brasil**. CNCFlora/ JBRJ. 2013.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Cadastro nacional das Unidades de conservação. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protetidas/cadastro-nacional-de-ucs/consulta-por-uc>>. Acesso em: 07 Jan. 2015.
- MITTERMEIER, R. A.; ROBES-GIL, P.; HOFFMAN, M.; PILGRIM, J. D.; BROOKS, T. B.; MITTERMEIER, C. G.; LAMOREUX, J. L.; FONSECA, G. A. B. **Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions**. Mexico City & Washington, D.C: CEMEX & Conservation International, 2005.
- WAECHTER, J. L. Diversidade de epífitas vasculares na Floresta Atlântica Brasileira. 59º CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA. Natal, RN, Imagem Gráfica. 310-311. 2008. **Anais...**